

Fabiane Lourenço de Assis

**A flutuação no emprego do subjuntivo:
um estudo com aplicabilidade em PL2E**

Monografia apresentada ao Programa de
Pós-graduação da PUC-Rio como
requisito parcial para aprovação no
curso de Formação de Professores de
Português para Estrangeiros.

Orientadora: Prof. Maria Cecília Gonsalves Carvalho

Rio de Janeiro
Dezembro de 2014

A Deus, maestro que rege a
canção da minha existência.

Agradecimentos

A meus pais, Jonadab e Maria Cícera, professores das maiores lições.

A meu querido irmão Flávio, que acompanhou o processo de concepção deste trabalho, por sua amizade, compreensão e paciência – sobretudo nos momentos de entretenimento interrompido, que não foram poucos!

À Prof.^a Maria Cecília Gonsalves, por orientar-me de maneira toda especial, por sua imprescindível contribuição para o aprimoramento desta pesquisa e pelas preciosas palavras de incentivo.

Ao corpo docente do Curso de Formação de Professores de Português para Estrangeiros da PUC-Rio, por compartilhar mais que seus conhecimentos. Vocês são verdadeira inspiração!

Aos meus queridos colegas de curso por sua amizade, companheirismo e generosidade.

A minha grande família, que trouxe aos dias de maior tensão a leveza de que tanto precisava.

Resumo

Assis, Fabiane Lourenço; Carvalho, Maria Cecília Gonsalves. **A flutuação no emprego do subjuntivo: um estudo com aplicabilidade em PL2E**. Rio de Janeiro, 2014. Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho procura descrever situações de flutuação do modo subjuntivo na modalidade oral do português brasileiro, partindo de um *corpus* formado por enunciados coletados de programas de esporte estilo mesa-redonda da televisão brasileira. A proposta é listar e categorizar gramaticalmente estruturas em presença das quais o subjuntivo precisa ser empregado para, em seguida, identificar a incidência de flutuação entre elas. Com o foco da análise sobre a modalidade oral da língua, optou-se por uma abordagem funcionalista da linguagem, uma vez que esta linha teórica considera na análise da estrutura gramatical toda a situação comunicativa. A argumentação é em favor da hipótese de que, apesar da presença de estruturas que obriguem o uso do modo subjuntivo, verifica-se, em contextos orais de semiformalidade, certa regularidade na ocorrência do modo indicativo relacionado a essas estruturas.

Palavras-chave

Modalidade, modo, subjuntivo, flutuação, português brasileiro

Abstract

Assis, Fabiane Lourenço; Carvalho, Maria Cecília Gonsalves (advisor). **Fluctuation in the use of the subjunctive mood: a study with applicability on Portuguese as a Second Language (P2L)**. Rio de Janeiro, 2014. Monograph - Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The objective of the present work is to describe the situation of fluctuation of the subjunctive mood in spoken Brazilian Portuguese, based on a corpus collected from sports program panel discussions on Brazilian Television. The purpose is to initially list and grammatically categorize structures in situations the subjunctive mood needs to be used to later identify the cases of fluctuation amongst them. Once this work focuses on spoken discourse, a functionalist approach of language is used, since this theoretical perspective considers the analysis of grammatical structure in every communicative situation. This study demonstrates that despite the presence of structures obliging the use of the subjunctive mood, certain regularity in the occurrence of the indicative mood is verified in contexts of oral informality.

Keywords

Modality, mood, subjunctive, fluctuation, Brazilian Portuguese.

Sumário

1. Introdução	8
1.1. Relevância	8
1.2. Objetivos	9
1.3. Hipótese	10
2. Revisão da literatura	11
2.1. <i>Nova gramática do português contemporâneo</i> (Cunha e Cintra, 2013)	11
2.2. <i>Moderna gramática portuguesa</i> (Bechara, 2004)	13
2.3. <i>Gramática descritiva do português</i> (Perini, 2001)	15
2.4. <i>Muito prazer</i> (Fernandes, Ferreira e Ramos, 2008)	17
3. Fundamentação teórico-metodológica	20
3.1. O funcionalismo	20
3.2. Aspectos metodológicos	23
4. Análise dos dados	25
4.1. As expressões com <i>que</i>	26
4.2. O advérbio <i>talvez</i>	30
4.3. As conjunções	33
4.3.1. <i>Embora</i>	33
4.3.2. <i>Caso, desde que, por mais que, para que</i>	35
5. Considerações finais	38
6. Bibliografia e referências bibliográficas	41
7. Anexo	43
7.1 As expressões com <i>que</i>	43
7.2 O advérbio <i>talvez</i>	45
7.3 A conjunção <i>embora</i>	47
7.4 Os conectivos <i>caso, desde que, por mais que e para que</i>	48

*Eu tô te explicando pra te confundir
Eu tô te confundindo pra te esclarecer
Tô iluminado pra poder cegar
Tô ficando cego pra poder guiar*

Tom Zé, Tô

1

Introdução

Para além do que afirmam as gramáticas ou propostas de ensino mais tradicionais, o modo subjuntivo não é apenas o “modo do irreal” (Ramalhete, 1989), da “dúvida” (Cunha, 2013) ou da “referência a fatos incertos” (Bechara, 2009). O subjuntivo é, também, o modo da subordinação – seu uso está diretamente relacionado à ocorrência de determinadas estruturas dentro de uma oração como, por exemplo, alguns advérbios, algumas conjunções ou alguns tipos de verbos e adjetivos organizados de maneira específica:

- (1) *Talvez eu vá à festa com você hoje à noite.*
- (2) *Caso você saia mais cedo do trabalho, me avise.*
- (3) *Eu espero que você não desista de ir à festa comigo.*
- (4) *É importante que você compareça à festa mais tarde.*

Na análise do contexto frasal em que ocorre o modo subjuntivo verifica-se a presença de estruturas que obrigam ou permitem seu uso. O *corpus* que constitui este trabalho é formado por frases que apresentam as estruturas do primeiro grupo – como as ilustradas acima – buscando uma descrição de como se tem dado a correspondência (ou não correspondência) desses elementos com o referido modo verbal.

1.1

Relevância

Martins e Medeiros (1996, s./d.) apontam para a “importância de se elucidar (...) a tensão existente entre a flutuação e a regularidade no uso do subjuntivo”. Considerando o aluno adulto de PL2E, de nível avançado, as autoras mencionam uma “assimetria” entre regras internalizadas em níveis de aprendizagem anteriores “e as múltiplas novas possibilidades de emprego” desse modo verbal, capaz de gerar uma “insegurança” ou mesmo um “retrocesso” no desempenho desse aluno.

As autoras advertem, ainda, para a necessidade de se “ater aos princípios regulares gerais” do emprego do subjuntivo, apontando, contudo, para o fato de que “mostrar para o aluno os casos de flutuação (...) permite, a partir do esclarecimento didático da distinção entre casos de regularidade e casos de flutuação, uma melhor apreensão do próprio sistema de regularidades”. Este trabalho, portanto, é uma maneira de contribuir para uma caracterização das ocorrências de flutuação do subjuntivo no português em situação concreta de uso da língua, dando ao aluno adulto de nível avançado em PL2E mais segurança e autonomia no emprego desse modo verbal.

1.2 Objetivos

Partindo de um *corpus* formado pela transcrição de enunciados produzidos em programas esportivos estilo mesa-redonda da televisão brasileira, este trabalho tem por objetivo geral descrever algumas ocorrências de flutuação do modo subjuntivo na modalidade oral do português brasileiro.

Na perspectiva adotada, serão considerados como *flutuação* aqueles “casos em que, em maior ou menor grau, a expectativa de emprego do subjuntivo, ou de algum tempo específico do subjuntivo, é contrariada, gerando enunciados de aceitabilidade duvidosa no âmbito da variante padrão do português (...)”, Gonçalves (2003, p. 9).

Os enunciados a seguir constituem o *corpus* coletado e ilustram alguns desses casos:

(5) *Por essas e outras que eu discordo que o Felipão diz assim “ah os jogadores não estão nem aí pra isso”. Não, não é que eles não estão nem aí. Existe um envolvimento, eles têm a noção do que está acontecendo, mas eu entendo que é nesse momento importante fazer uma blindagem.* (Redação SPORTV – 26/05/2014)

(6) *É surpreendente que os manifestantes chegaram tão longe, né? Parece que os manifestantes estão misturados com os jornalistas. Poderia ter sido melhor organizado.* (Redação SPORTV – 26/05/2014)

(7) (...) ***talvez** o torcedor **estranhou** o preço do ingresso do Santa [Cruz] que tem a torcida mais popular do Brasil.* (Redação SPORTV – 02/12/2013)

(8) (...) *por causa dele, a entidade foi a primeira a perceber que o Héverton e o André Santos haviam sido escalados, **muito embora** a própria imprensa e boa parte dos portais **já publicavam**, na sexta-feira, que André Santos estava suspenso e não **poderia** enfrentar sábado o Cruzeiro na última rodada do Campeonato Brasileiro.* (Redação SPORTV – 13/01/2014)

A descrição das ocorrências de flutuação mencionadas implicará listar algumas das estruturas que obrigam o uso do subjuntivo, categorizar gramaticalmente esses elementos e identificar a ocorrência (ou não) do uso de outro modo verbal.

1.3 Hipótese

O contexto interacional dos programas esportivos estilo mesa-redonda da televisão brasileira pode ser considerado semiformal, isto é, justamente por tratar-se de programas televisivos estão submetidos a fatores como a predeterminação do tempo, a predefinição de temas ou tópicos e a sequência de um cronograma. Por outro lado, a própria natureza do *corpus* – coletado da oralidade, da espontaneidade da fala – e dos assuntos tratados – uma mescla de informação e entretenimento – leva à formulação da hipótese de que apesar da presença de estruturas que obriguem o uso do modo subjuntivo, verifica-se, em contextos orais de semiformalidade, certa regularidade na ocorrência do modo indicativo relacionado a essas estruturas.

2

Revisão da literatura

A seguir, serão apresentadas, em linhas gerais, as visões de três gramáticas da língua portuguesa a respeito do modo subjuntivo e de seu emprego. Acrescentou-se, ainda, uma breve exposição do que se diz a respeito do assunto em um livro didático com foco no ensino de português para estrangeiros.

A primeira e a segunda abordagens, de Cunha e Cintra (2013) e de Bechara (2004), são tradicionais e tratam a questão do *modo* de forma muito semelhante, definindo-o inicialmente e principalmente a partir de um critério semântico que opõe as noções de *certeza* e *incerteza*. Por representarem a base ou ponto de partida para o que se questiona a respeito da língua hoje, são de fundamental importância para este trabalho.

A terceira abordagem, de Perini (2001), apresenta um viés mais descritivo associando o emprego do *modo subjuntivo* a questões de ordem mais sintática e menos semântica.

Finalmente, a quarta, e última abordagem é a do livro didático *Muito prazer – fale o português do Brasil* (Fernandes, Ferreira e Ramos, 2008) voltado para o ensino de português para estrangeiros que trata da categoria *modo* sempre associada à categoria *tempo*. A proposta do material parece apresentar um viés mais pragmático uma vez que procura destacar “a linguagem em uso na comunicação dos brasileiros”, dar “grande ênfase à interação oral” e usar “uma linguagem apropriada para diferentes tipos de contextos (registros formal e informal)”, (*ib.*, pp. 17-8).

2.1

Nova gramática do português contemporâneo (Cunha e Cintra, 2013)

Cunha e Cintra (2013, p.462), ao abordarem a *sintaxe dos modos e dos tempos*, definem o *modo* como a “propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia (...)”.

Ao definirem o modo subjuntivo (*ib.*, p. 479), os autores buscam estabelecer uma oposição de natureza semântica com outro modo verbal, o indicativo:

Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo, real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro. Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa nossa atitude. Encaramos, então, a existência do fato como uma coisa *incerta, duvidosa, eventual* ou, mesmo, *irreal*.

Além de atribuírem ao modo subjuntivo a noção de incerteza, dúvida, eventualidade ou irrealidade, acrescentam (desta vez, fazendo menção também a um aspecto de natureza sintática) que o subjuntivo “é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas” e completam exemplificando com os verbos “*desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar*”, (*ib.* p. 480).

Quanto ao emprego do referido modo verbal, os autores destacam a própria natureza do termo – “do latim *subjunctivus* ‘que serve para ligar, para subordinar’” denotando “que uma ação ainda não realizada é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida” (*ib.*) – explicando, desta maneira, a ocorrência mais usual desse modo verbal nas orações subordinadas.

Cunha e Cintra mencionam, também, o “subjuntivo independente” (*ib.*) empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais.

Retomando a natureza do modo verbal em questão, ao tecerem considerações acerca do “subjuntivo subordinado” (*ib.*, 482), afirmam que “o subjuntivo é por excelência o modo da oração subordinada” sendo empregado nas subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais.

De uma maneira geral, as considerações dos autores acerca das subordinadas substantivas (*ib.*) destacam o uso do subjuntivo quando a oração principal exprime:

- a) *vontade* (com matizes que vão do *comando* ao *desejo*) com referência ao fato de que se fala;
- b) um *sentimento* ou *apreciação* que se emite com referência ao próprio fato em causa;
- c) a *dúvida* que se tem quanto à realidade do fato enunciado;

Com relação às orações adjetivas, “o subjuntivo é de regra” (*ib.* p. 483) nas que exprimem:

- a) um fim que se pretende alcançar, uma consequência;
- b) um fato improvável;
- c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação;

Ao se referirem às subordinadas adverbiais, observam que “o subjuntivo, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções” (*ib.*, p. 484) e completam afirmando que “em princípio, (...) o SUBJUNTIVO é de regra depois das conjunções:”

- a) CAUSAIS, que negam a ideia de causa (*não porque, não que*);
- b) CONCESSIVAS (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que, etc.*);
- c) FINAIS (*para que, a fim de que, porque*);
- d) TEMPORAIS que marcam a anterioridade (*antes que, até que e semelhantes*);

2.2

Moderna gramática portuguesa (Bechara, 2004)

Bechara (2009, p. 213), ao se referir a *modo*, explica que essa categoria:

assinala a posição do falante com respeito à relação entre ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Diferentemente de Cunha e Cintra (2013), Bechara (2009, pp. 221-2) acrescenta à categoria os modos “condicional” (relacionado a fatos dependentes de certa condição) e “optativo” (em relação à ação como desejada pelo agente).

Ao se referir ao emprego do modo subjuntivo (*ib.*, p.280), o autor afirma que:

O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar;

Em seguida, observa (*ib.*, p. 281):

Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: “Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: - e as turbas talvez o *aplaudem e celebram* seu nome” [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Bechara, assim como Cunha e Cintra, continua sua exposição mencionando a ocorrência do modo subjuntivo nas subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, sendo, em alguns momentos, mais preciso no que diz respeito à caracterização das expressões relacionadas ao uso do referido modo verbal.

Sobre as orações subordinadas substantivas, o autor apresenta a ocorrência do subjuntivo nos seguintes principais casos (*ib.*, p. 281):

- a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento;
- b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade;
- c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais;
Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo;

Com relação ao uso do subjuntivo nas subordinadas adjetivas (*ib.*, pp. 281-2), faz referência àquelas que exprimem:

- a) fim;
- b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*);
- c) uma conjectura e não uma realidade: O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade) / O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura).
- d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado;

Quanto ao uso do modo subjuntivo nas subordinadas adverbiais (*ib.*, pp. 282-3), aponta:

- a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira;
- b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito;

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou...ou, quer...quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado, ainda assim lhe perdoaria*.

- c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso, dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*;

- d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real;

- e) nas finais;

- f) nas temporais de antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo);

2.3

Gramática descritiva do português (Perini, 2001)

Ao referir-se às propostas tradicionais de caracterização da categoria *modo*, Perini (2001, p. 257) menciona a fragilidade dos exemplos usuais que fazem “a correlação entre a oposição morfológica usualmente denominada de ‘modo’ (...) e uma oposição semântica” acrescentando que tais exemplos “constituem antes a exceção que a regra”.

Sobre a oposição de modo, em especial indicativo/subjuntivo, o autor comenta:

Na maioria dos casos, a oposição morfológica entre indicativo e subjuntivo é governada por traços semanticamente não motivados dos verbos (e de alguns outros itens, como *talvez*); os casos em que se pode ver um efeito semântico imputável ao modo são excepcionais e tendem a desaparecer na língua moderna.

Ao se referir às condições semânticas de ocorrência de subjuntivos e indicativos (*ib.*, pp. 257-8), Perini menciona o fato de os primeiros aparecerem, principalmente, em orações subordinadas e o de que “a oposição entre ‘certeza’ e ‘incerteza’(...) não parece desempenhar um papel fundamental na determinação da ocorrência de cada um dos modos verbais”. Em seguida, exemplifica: “(38) Desconfio que Selma fuma cachimbo / (39) Admito que Selma fume cachimbo” e comenta: “ambas as frases expressam uma certeza condicionada; não me parece

que a segunda expresse mais incerteza que a primeira, e no entanto uma tem indicativo e a outra subjuntivo”.

O autor segue em sua exposição com outros exemplos, demonstrando que qualquer dos dois modos (subjuntivo ou indicativo) pode traduzir a posição de certeza ou de incerteza por parte do falante.

Perini analisa a ocorrência dos modos subjuntivo e indicativo sob o aspecto da regência (*ib.*, p. 175) e afirma que:

um aspecto importante do fenômeno da regência são as exigências feitas pelos verbos, e também por outros itens, quanto à forma do verbo de seus complementos oracionais; em particular, essas exigências se referem ao **modo** do verbo do complemento”.

Em seguida, o autor acrescenta que a diferença de modo no verbo da oração subordinada pode ser atribuída ao verbo da oração principal ou a outros itens que não verbos. Seria esse o caso do subjuntivo: sua ocorrência estaria mais relacionada a uma questão de regência, de exigência de determinada forma verbal ou outro item lexical, e menos, à atribuição semântica do modo em si.

Por outro lado, Perini afirma haver “vestígios na língua de uma oposição semântica que, se não se identifica simplesmente com ‘certeza’ *versus* ‘incerteza’, é algo semelhante” (*ib.*, pp. 258-7):

Primeiro, a maioria dos verbos que exprimem dúvida realmente exigem subjuntivo. E há ainda alguns que exprimem certeza e exigem indicativo, mas que, quando negados, podem aceitar subjuntivo (...).

Outro vestígio de codificação da oposição “certeza” / “incerteza” está nas orações relativas (“adjetivas”). Nestas, a oposição subjuntivo/indicativo pode servir para diferenciar elementos tomados referencialmente (e, portanto, em geral admitidos como existentes) de elementos tomados atributivamente (admitidos como possíveis, mas não necessariamente existentes). Por exemplo,

- (46) a. Procuro uma mulher que fuma cachimbo.
- b. Procuro uma mulher que fume cachimbo.

Com relação aos exemplos, o autor destaca (*ib.*, pp 258-9):

é possível que para muitos falantes as duas frases sejam, hoje, praticamente sinônimas. É mais um exemplo da tendência que se observa na língua a eliminar o papel semântico do subjuntivo (e, portanto, como sabemos, a eliminar gradativamente o próprio subjuntivo).

Perini conclui sugerindo que “é mais indicado atribuir as diferenças de ‘certeza’ à própria semântica do verbo principal do que ao modo do verbo subordinado” (*ib.*).

2.4

Muito prazer (Fernandes, Ferreira e Ramos, 2008)

Em *Muito Prazer – Fale o Português do Brasil* (Fernandes, Ferreira e Ramos, 2008), a menção ao modo subjuntivo parece ser feita sempre vinculada à noção de tempo.

A primeira referência ao modo verbal mencionado está relacionada às considerações a respeito do *futuro do subjuntivo* (*ib.*, pp. 296-7). Em seção destinada à sistematização gramatical, as autoras apresentam alguns exemplos e apontam para alguns aspectos relacionados ao seu uso:

Tem desconto **se** eu **pagar** antecipadamente?

Se a senhora **preencher** a ficha on-line e pagar com antecedência, a taxa de 10% não será cobrada.

E **se** eu **sair** antes?

Quando a senhora **chegar**, peça para falar com a Patrícia.

Uso: o futuro simples do subjuntivo indica um acontecimento incerto no futuro. A Incerteza no futuro fica mais clara em frases com SE. Frases com QUANDO tem mais probabilidade de ocorrer. O verbo da oração principal pode ficar no presente ou no futuro do presente do indicativo.

Como foi possível observar, é feita alusão à noção de incerteza, também apontada pelas gramáticas tradicionais, acrescentando-se as nuances de sentido relacionadas ao uso das conjunções SE e QUANDO: a primeira, deixando “a incerteza no futuro” mais “clara”, e, a segunda, dando ao acontecimento uma “probabilidade” maior de ocorrer.

Em seguida, faz-se referência à formação desse tempo verbal acompanhada de apropriada explicação:

substitui-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo pelas seguintes terminações para as três conjugações (*-ar/ -er* e *-ir*): *-r*, *-rmos*, *-rem*

eles pagaram – se eu pagar; nós pagarmos; eles pagarem

eles preencheram – se eu preencher; nós preenchermos; eles preencherem

eles saíram – se eu sair; nós sairmos; eles saírem

As autoras seguem em sua exposição apresentando o *presente do subjuntivo* (ib., pp. 334-5), o *imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito* (ib., pp. 352-3), o *imperfeito do subjuntivo* com expressões (ib., pp. 357-8), o *pretérito perfeito do subjuntivo* (ib., p. 362) e, finalmente, o *pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo*, (ib., 377-8).

Considerando o foco das reflexões do presente trabalho – que diz respeito aos casos em que, em maior ou menor grau, a expectativa do emprego do modo subjuntivo é quebrada – optou-se pelo seguinte recorte: apresentar os tempos verbais em que as autoras fazem menção àquelas estruturas que, de acordo com a variante padrão da língua, obrigariam o uso do modo subjuntivo. São eles: o *presente do subjuntivo*, o *imperfeito do subjuntivo* e o *pretérito perfeito do subjuntivo*.

A seção gramatical relacionada ao *presente do subjuntivo* (ib., pp. 334-5) é iniciada com os seguintes exemplos: “**Talvez** eu **compre** um carro novo”, “**Tomara que** o chefe **escolha** uma pessoa como você para nos gerenciar” e “Eu **torço para que** você **progrida** cada vez mais”. Após uma breve explanação sobre o uso e a formação desse tempo verbal, é apresentada uma pequena lista de expressões que parece agrupar verbos e/ou termos com valor de *dúvida*, *possibilidade* ou *desejo* tornando, assim, explícita a relação entre o uso dessas expressões ou estruturas com o modo verbal mencionado: “o presente do subjuntivo é usado com as expressões: Talvez.../ Tomara que.../ Espero que.../ Tenho medo que.../ Temo que.../ Duvido que.../ Torço para que... e outras expressões com ‘que’”.

No que diz respeito ao *imperfeito do subjuntivo*, as autoras apresentam uma lição específica para o *imperfeito do subjuntivo com expressões* (ib., pp. 357-8), explicando que “o imperfeito do subjuntivo pode ser usado com as mesmas expressões que o presente do subjuntivo, mas elas terão de ser usadas no pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo”. Vale notar que, diferentemente do que é dito a respeito do *presente do subjuntivo*, faz-se referência a uma *possibilidade* do uso do *imperfeito do subjuntivo* com as referidas expressões, o que justifica a inclusão de estruturas que não “obrigam” o uso do modo subjuntivo na lista apresentada pelas autoras: “Foi/Era pena que.../ Achei/Achava que.../ Pensei/Pensava que.../

Tive/Tinha medo que.../ Temi/Temia que.../ Bastou/Bastava que.../ Talvez... etc.”.¹

Ao abordar o *pretérito perfeito do subjuntivo* (*ib.*, p. 362), as autoras apresentam os seguintes exemplos: “**Duvido que ela tenha estudado** a sério como você” e “**Acredito que ela tenha conversado** mais que estudado, não foi?”. Nesses enunciados, embora os termos em destaque sugiram uma correspondência entre a estrutura presente na oração principal e o tempo/ modo verbal que aparece na subordinada, não se faz referência ao fato de que, no primeiro exemplo, essa correspondência é, realmente, obrigatória o que não acontece no segundo caso.

Finalmente, vale mencionar as poucas referências à ocorrência de certas conjunções e o uso do modo subjuntivo, possivelmente, por tratar-se de um livro didático que tem como público-alvo alunos iniciantes e intermediários.

¹ Expressões formadas com verbos de opinião e avaliação, como *achar* e *pensar*, podem ser usadas com o indicativo sem resultar em um enunciado de aceitabilidade duvidosa na variante padrão do português, diferentemente do que acontece, por exemplo, com as expressões formadas com verbos de dúvida: Eu **acho que ele consegue passar** na prova. / *Eu **duvido que ele consegue passar** na prova.

3

Fundamentação teórico-metodológica

Não há observação e coleta de dados que não estejam ligados a uma teoria e a uma hipótese.
Lyons, 1987

Fazendo referência a Labov (1972), Rodrigues Júnior (2005, p. 123-148), adverte sobre o fato de que não existe “uma produção de fala totalmente neutra em contextos de pesquisa (*ib.*, pp. 138-9)” e menciona que “o que se observa e a forma como se ordenam as primeiras observações já obedecem a algum princípio de classificação (...)” (*ib.*, p. 133), desta vez se referindo a Magnani (2000, p.37).

De fato, a observação não é neutra e em virtude disso serão apresentados a seguir, de maneira breve e objetiva, “as lentes” e os aspectos metodológicos sob os quais será realizada a análise do fenômeno da flutuação do subjuntivo proposta nesta pesquisa.

3.1

O funcionalismo

A referência teórico-metodológica do presente trabalho é de base funcionalista, no entanto, as dificuldades relacionadas à delimitação do significado do termo *funcionalismo* são bem conhecidas.

Apesar disso, como afirma Moura Neves, “é possível a caracterização básica do que seja uma teoria funcionalista da linguagem”, (1997, p. 2). De acordo com a autora:

qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente, (*ib.*).

As indagações que deram origem a este trabalho têm origem no *uso* que os falantes fazem da língua: *o subjuntivo realmente flutua em presença de estruturas que pressupõem seu uso? Em que situações? E por quê?* Deste modo, a perspectiva adotada aqui tem relação com o que efetivamente acontece na língua, com uma visão de gramática que não se abstrai do aspecto pragmático da interação verbal:

A gramática funcional tem como hipótese fundamental a existência de uma de uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática). Em outras palavras, a gramática funcional visa a explicar regularidades dentro das línguas e através delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua (*ib.*, p. 22).

Ainda sobre a instrumentalidade do uso da língua e a sistematicidade de sua estrutura, vale destacar o que afirma a autora ao mencionar Nichols (1984, p. 97): a gramática funcional, “embora analise a estrutura gramatical, inclui na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo” (Moura Neves 1997, p. 3). Esse importante aspecto da abordagem funcionalista da linguagem será retomado adiante ao se descrever as etapas que levaram à constituição e análise do *corpus* em que se baseia esta pesquisa.

Será adotada também a perspectiva de Gonçalves (2003) a respeito das categorias *modalidade*, *modo* e *subjuntivo*, baseada em pressupostos da abordagem cognitivista da linguagem que acrescenta, ao que a autora chama de “funcionalismo clássico”, outros princípios (*ib.*, p. 17):

No funcionalismo cognitivista, a abordagem é mais ampla: a organização e as escolhas gramaticais refletem a nossa experiência concreta no mundo, o que inclui princípios cognitivos gerais, além de fatores relativos ao contexto específico de produção dos enunciados.

Em seu trabalho, ao referir-se a Lakoff (1987), Gonçalves (2003, p. 19) destaca os processos humanos de categorização acrescentando que “não há nada mais fundamental para nosso pensamento, percepção, ação e linguagem do que a categorização”. Categorizar é um processo cognitivo básico. Deste modo, “todas as vezes em que ou produzimos ou interpretamos enunciados de alguma

extensão razoável, estamos empregando inúmeras categorias – tanto *conceptuais*, (...) quanto *gramaticais* (...)”.

A autora destaca que “é uma hipótese básica do cognitivismo que a linguagem é um reflexo e uma decorrência de nossas estruturas conceptuais” (*ib.*, p.23), desta maneira, será considerada a relação ou correspondência existente entre aspectos importantes das categorias conceptuais humanas e linguísticas (gramaticais). Dentre esses aspectos destacam-se os *efeitos de prototipia* que conferem a alguns membros dentro de uma categoria uma posição mais central, atribuindo-lhes, portanto, o *status* de “melhores exemplos” em comparação com outros, menos prototípicos ou mais periféricos. Logo, “as categorias gramaticais, assim como as demais categorias humanas (...) são *assimétricas*, apresentam *gradações* e envolvem *melhores e piores exemplos*”, (*ib.*, p. 24).

Modalidade será considerada aqui como “uma categoria geral com a qual os falantes expressam suas opiniões ou atitudes acerca do que dizem ou da situação a que se referem” (*ib.*, p. 29), expressando-se basicamente de duas maneiras: *deôntica* e *epistêmica*. A primeira está relacionada ao eixo da *conduta* envolvendo o *dever*, a *obrigatoriedade*, a *capacidade*, pressupondo a existência de circunstâncias externas ou regras sociais; a segunda, ao eixo do *saber*, do *conhecimento*, da *certeza*, da *probabilidade*.

A autora reforça o caráter assimétrico da categoria *modalidade* mencionando Sweetser (1990), “para quem a **modalidade deôntica** é cognitivamente mais básica (mais prototípica) do que a **modalidade epistêmica**” e assinala que, em muitas línguas, a fronteira semântica da modalidade expressa pelos verbos pode ser bem difusa levando-os a serem interpretados tanto como deônticos, quanto como epistêmicos.

Há de se ressaltar as evidências históricas e a contribuição de diversos estudos ligados à psicolinguística e à sociolinguística que apontam para a aquisição dos sentidos deônticos dos verbos modais anteriormente aos seus sentidos epistêmicos no que se refere à linguagem infantil. Esse fato reforça o pressuposto de que a modalidade deôntica seja cognitivamente mais básica (mais prototípica) do que a modalidade epistêmica, Gonçalves (2003, p.33).

3.2

Aspectos metodológicos

O foco deste trabalho está voltado para a descrição do fenômeno da flutuação do modo subjuntivo na modalidade oral do português brasileiro, entendendo-se por flutuação aqueles casos em que a ocorrência de determinadas estruturas no contexto frasal geram uma expectativa de uso de uma forma verbal no modo subjuntivo que, muitas vezes, acaba não sendo correspondida.

O *corpus* aqui analisado foi coletado, em sua maior parte, de três programas de esporte estilo mesa-redonda da televisão brasileira – *Bate-Bola* (ESPN), *Linha de Passe* (ESPN) e *Redação SPORTV* (SPORTV) – assistidos entre novembro de 2013 e julho de 2014. Nesse período, foram encontrados registros de desvio no uso do modo subjuntivo em pelo menos trinta programas o que leva à conclusão de que, no mínimo e aproximadamente, sessenta horas de programa foram assistidas.

A opção por esse tipo de programa está associada à intenção de verificar a hipótese de que o desvio no uso do modo verbal analisado pode ser mais comum do que se supõe, inclusive entre os falantes mais escolarizados. Assim, os informantes (jornalistas, escritores, repórteres, colunistas, comentaristas), ainda que em diversas áreas de atuação, foram selecionados sob essa perspectiva, apresentando, cada um deles, algum tipo de formação de nível superior.

Vale mencionar mais uma vez que o contexto discursivo nessas situações comunicativas é de semiformalidade, isto é, trata-se de programas de televisão que integram uma grade de horários e que, portanto, estão submetidos à questão do tempo e da predefinição dos temas que serão abordados. Por outro lado, esses fatores estão associados a outros, como a espontaneidade da fala e a própria natureza dos assuntos abordados: uma combinação de informação e entretenimento.

Deste modo, no presente trabalho, a tentativa de incorporar toda a situação comunicativa (seus propósitos, participantes e contexto) à análise do fenômeno linguístico estudado está relacionada a uma visão de linguagem em que a investigação da estrutura linguística não é feita desassociada de seu uso.

O *corpus* coletado é constituído por quarenta e uma frases cujas estruturas, segundo a gramática tradicional, estão relacionadas à expectativa do uso do modo

subjuntivo. Como mencionado anteriormente em seção destinada à descrição dos objetivos desta pesquisa, o trabalho aqui será o de listar e de categorizar gramaticalmente as estruturas encontradas, identificar e caracterizar os casos de ocorrência da flutuação do modo verbal estudado e tecer, se possível, algum tipo de consideração a respeito dos motivos ou razões que possam estar relacionados ao fenômeno.

4

Análise dos dados

Do ponto de vista morfossintático, a expressão da modalidade aparece mais clara e prototipicamente, em orações principais por meio de verbos modais (cf. Gonçalves, 2003, pp. 37-8), mas outros elementos linguísticos podem atribuir-lhe valor modal:

A utilização de adjetivos em posição predicativa, expressando tanto necessidade (é claro, é certo), como probabilidade (é provável) e possibilidade; bem como a utilização de verbos de significação plena, indicadores de opinião, da crença ou do saber do falante (achar, acreditar, saber); a utilização de advérbios modalizadores (necessariamente, certamente, provavelmente, possivelmente, talvez); (...) também a utilização da categoria gramatical dos tempos verbais, além da utilização de conjunções (...).

Esse fato confere à categoria *modo* uma posição mais periférica, ou menos prototípica, como “recurso linguístico para a expressão da modalidade”, tornando-a uma espécie de subcategoria da mesma. Gonçalves aponta que sendo o indicativo “tipicamente não marcado quanto à modalidade”,² “fica em geral por conta do subjuntivo a indicação de valores modais”. Assim, “do ponto de vista semântico-pragmático, o subjuntivo é, em seu emprego mais prototípico, uma marcador genérico de modalidade” (*ib.*, p.39). Esta constatação terá considerável importância na presente análise.

No *corpus* coletado, os casos de *flutuação* envolvem expressões formadas com a conjunção *que*, aparecendo em maior número com dezesseis registros; em seguida vem o advérbio *talvez*, com catorze e, finalmente, as conjunções, que também aparecem no *corpus* analisado, com onze registros: *concessivas* (embora, por mais que), sete ocorrências; *condicionais* (caso, desde que), três ocorrências e *finais* (para que) uma ocorrência.

Dito isso, cabem neste momento os seguintes questionamentos: *que fator ou fatores estariam relacionados aos casos de flutuação mencionados? Seria o subjuntivo, pragmaticamente, uma espécie de marca semântica redundante para a expressão da modalidade? A utilização de outro modo verbal seria, pois, uma forma de eliminar essa redundância?*

² A autora adverte para o fato de que as caracterizações dos modos indicativo e subjuntivo devem ser compreendidas como prototípicas e não absolutas, uma vez que tempos do indicativo como o futuro do presente e o futuro do pretérito podem ser usados para marcar modalidade.

4.1

As expressões com *que*

Como mencionado anteriormente, as expressões com *que* aparecem em maior número entre os casos de flutuação coletados. Todos eles parecem compreender *orações subordinadas substantivas*. Dos dezesseis casos encontrados, sete correspondem a estruturas formadas com verbos, sete a estruturas formadas com adjetivos e duas com substantivos.

De uma maneira geral, foi possível verificar nesses verbos e adjetivos um valor modal significativo relacionado à expressão dos sentimentos do falante a respeito de um estado de coisas:

(9) (...) *e aí eu acho muito curioso que a gente jogou, a gente o Brasil, jogou basquete em Londres, nos jogos olímpicos, com um norte-americano naturalizado, ninguém disse que aquilo era um absurdo, todo mundo tá tratando com bons olhos a naturalização dos jogadores do pólo-aquático, mas se um brasileiro do futebol prefere defender outra seleção, aí o buraco é mais embaixo.* (Redação SPORTV – 09/01/2014).

(10) (...) *O que eu acho é que ele tem bola pra continuar jogando, eu acho uma pena que ele vai parar precocemente, quando ele poderia jogar mais um ano.* (Redação SPORTV – 14/01/2014).

(11) *À uma da tarde, o Seedorf vai conceder, portanto, entrevista coletiva ao lado do presidente do clube e da agente do jogador, a Débora Martins. A gente só pode supor que é para confirmar (...) a saída dele, infelizmente do futebol brasileiro.* (Redação SPORTV – 14/ 01/ 2014).

(12) *Semana passada, eu escrevi que você precisava se manifestar (...), adorei que você se manifestou, e eu sei que você veio falar no Bate-Bola pelo absoluto respeito que você tem por nós (...).* (Bate-Bola, 2ª edição – 28/01/2014).

(13) (...) *e nesse álbum aqui [de figurinhas da Copa] (...), a Joyce, e todos os amigos que têm o álbum, quando forem ver a seleção da Bósnia, o*

*número 446 aqui vai vir errado, porque **todo mundo esperava que** esse jogador (...) **seria** convocado. Todo mundo que acompanha o futebol bósnio, evidentemente não é o meu caso.* (Redação SPORTV-06/05/2014).

Nessas orações, as expressões *eu acho muito curioso que...*, *uma pena que...*, *a gente só pode supor que...*, *adorei que...*, *todo mundo esperava que...* parecem exprimir, em maior ou menor grau, uma espécie de avaliação por parte do falante em relação ao que ele diz, atribuindo à oração principal um papel mais relevante na expressão da *modalidade* do que o da oração subordinada.

Esse fato parece não ser aleatório:

Nas línguas do mundo, a modalidade é marcada **menos prototipicamente** em **orações subordinadas** especialmente pela categoria do **modo verbal**, que frequentemente é marca redundante em relação a marcas já existentes na oração principal, Gonçalves (2003, p.38).

Sendo, portanto, o modo subjuntivo uma “marca secundária” para a expressão da *modalidade*, assinalada previamente e mais exemplarmente na oração principal, a opção do falante pelo modo *indicativo* na oração subordinada pode representar um recurso para a eliminação dessa possível redundância.

Além disso, um aspecto que deve ser mencionado em relação aos verbos das expressões analisadas é o de que, em sua maior parte, parecem pertencer ao grupo dos verbos *avaliativos factivos*, uma vez que “caracterizam-se por expressar uma avaliação do falante e, ao mesmo tempo, ter a propriedade da **factualidade**, isto é, ter o **complemento** assegurado sempre como um ‘fato’ (...)”, Moura Neves (2011, p. 349):

(14) (...) *os estádios, **ninguém duvida que** eles **estarão** lindos, prontos, como, aliás, estavam na África do Sul, belos estádios. Acontece que muitas das promessas não vão sair do papel (...).* (Redação SPORTV – 20/01/2014)

(15) (...) *não estava no cronograma* nesse momento *que* dos 52 projetos, 37, ou seja, a grande maioria, ainda *está* no papel, não *começou a ser feito* ainda. (Redação SPORTV – 11/04/2014).

(16) A temporada 2014, William, a gente começa com jogos sempre..., as transmissões sempre às duas da tarde. *Não importa que o jogo do sábado é* às sete da noite, às nove da noite. Duas da tarde *é* o momento que o futebol ESPN entra no ar com grande material (...). (Bate-Bola, 1ª edição – 24/01/2014).

Nas orações acima, as expressões *ninguém duvida que...*, *não estava no cronograma que...* e *não importa que...*, tendem a ser interpretadas como *fato*, denotando *certeza* por parte do falante e, embora gerem uma expectativa quanto ao uso do modo subjuntivo, podem levar o falante a “hesitar” na escolha do modo verbal apropriado: pode parecer-lhe incoerente associar expressões tão “factuais” a um modo verbal que, de uma maneira geral, está associado à expressão de *dúvida*, *incerteza* ou *possibilidade*.

Nem todos os verbos estão expressando *factuality* e *avaliação* simultaneamente. Vale observar que em (11) *supor* não denota *factuality*, mas pode ser caracterizado como um verbo de *atividade mental*, portanto, denotador de *julgamento*, *opinião*, *crença* por parte do falante (cf. Moura Neves 2011, p.347). Em (14), o verbo *duvidar* parece compartilhar essa última característica com o verbo *supor*, mas por outro lado, essa “dúvida” é negada atribuindo ao enunciado sentido factual. Esse dado parece apontar para uma relação muito particular entre as expressões avaliativas e as ocorrências de flutuação do modo subjuntivo.

Em (9) e (10) o verbo *achar*, que *permite* o uso do subjuntivo, aparece muito próximo dos adjetivos *curioso* e *pena*, que associados à conjunção *que*, *obrigam* o seu uso. Essa proximidade entre estruturas que *permitem* e *obrigam* o uso do referido modo verbal também pode estar relacionada à incidência da flutuação nessas orações.

As expressões com *que* formadas por adjetivos, à semelhança do que acontece com as expressões formadas por verbos, denotam um valor factual que,

associado ao significativo grau de comprometimento do falante com o que declara, torna-se, como descrito há pouco, um ambiente favorável à flutuação:

(6) *É **surpreendente** que os manifestantes **chegaram** tão longe, né? Parece que os manifestantes estão misturados com os jornalistas. Poderia ter sido melhor organizado.* (Redação SPORTV – 26/05/2014)

(17) (...) *hoje foi bacana: Portuguesa, Fluminense, Flamengo, Vasco, Atlético do Paraná e outros que foram muito bem citados aqui, muito bem falados; mas o futebol brasileiro é isso aí. Essa diversidade de fatos que acontecem numa sequência muito grande. **Pena que são** fatos, como você disse, né, a turma do Aladin não sai do tapete, né?* (Redação SPORTV – 11/12/2013).

(18) (...) *é **curioso que**, eu bati muito nessa estatística né, a França sempre que passou da fase de grupos, **chegou**, no mínimo, entre as quatro primeiras e vai tentar confirmar isso agora (...)* (Bate-Bola, 1ª edição – 02/07/2014).

Em (6), (17) e (18) *surpreendente*, *pena* e *curioso* são *adjetivos qualificadores* relacionados à expressão do conhecimento, opinião ou avaliação pessoal do falante, isto é, expressam “valores semânticos de modalização epistêmica” e de “avaliação” (cf. Moura Neves, 2011, pp. 188-190). Por tratar-se de *orações subordinadas substantivas subjetivas*, é possível também atribuir-lhes sentido factual, pois “é muito comum que **predicados** que têm **sujeito oracional** pressuponham a factualidade da **oração subjetiva**, isto é, sejam **factivos**”, (*ib.*, pp. 340-341).

A *factualidade* também caracteriza as expressões formadas por substantivos, mas, ao contrário do que acontece com as expressões formadas por verbos e adjetivos, essas expressões parecem não apresentar a nuance da *avaliação* ou da *opinião* do falante a respeito do que enuncia:

(19) (...) *os cálculos, **a projeção** do comitê organizador **é de que** – até 18 de fevereiro, se tiver gramado colocado, cobertura colocada, iluminação*

colocada, dez mil acetos pelo menos e o vestiário pronto pra uso e tudo mais caminhando na obra - a FIFA vai dar o sinal verde pra manter a Arena da Baixada na Copa, afinal de contas não é do interesse, nem da FIFA, ter que tirar a sede a essa altura do campeonato. (Bate-Bola, 1ª edição – 22/01/2014).

(20) Aliás, há uma previsão de que pelo menos 10.000 atleticanos estarão no estádio e a gente mostra como foi um dos voos que levou a massa atleticana ao Marrocos. (Redação SPORTV – 18/12/2014).

Nessas expressões, a atitude do falante a respeito do que diz ou da situação a que se refere parece menos “parcial”. O pequeno número de ocorrências dessas estruturas no *corpus* coletado (apenas duas) pode estar relacionado justamente a esse fato, ou seja, nos contextos em que aparece associado a estruturas mais impessoais, o subjuntivo tende a flutuar com menor incidência, uma vez que a sua função na expressão da modalidade se tornaria mais “relevante”, menos redundante.

4.2

O advérbio *talvez*

Considerando o total de casos de flutuação coletados no *corpus* analisado, as orações dubitativas com o advérbio *talvez* aparecem em segundo lugar com catorze ocorrências.

Como mencionado na introdução deste capítulo, os princípios da abordagem do funcionalismo cognitivista apontam para uma espécie de correspondência entre as *categorias conceptuais humanas* e as *categorias gramaticais*, deste modo, assim como as *categorias conceptuais*, as *categorias gramaticais* apresentariam *efeitos de prototipia*. Isso significa dizer que, dentro de uma determinada categoria, algumas estruturas seriam “melhores exemplos” que outras ou representariam o seu “funcionamento” mais básico.

A *modalidade* como categoria gramatical apresentaria, portanto, uma condição “assimétrica”, típica das categorias humanas de um modo geral

manifestando-se por meio de duas formas básicas e sendo a esfera *deôntica*, mais básica, mais prototípica que a esfera *epistêmica*.

As estruturas constituídas pelo advérbio *talvez* parecem se prestar à expressão da modalidade epistêmica, isto é, estão fortemente relacionadas, nesses casos, ao eixo da *possibilidade* ou da *probabilidade*:

(21) *Segundo o Ivan, na verdade, em 1914, o Brasil jogou com braçadeiras verde-amarelas naquele jogo. Como a foto era preto e branco, talvez, quem fez a pesquisa pra estabelecer esse uniforme de 2004, não soube que na verdade a braçadeira era verde e amarela (...).* (Redação SPORTV – 18/12/2013).

(22) *Olha, essa talvez é a pergunta mais difícil eu acho de responder, porque eu acho que não é comparável (...).* (Redação SPORTV – 06/01/2014).

(23) *Obrigado, seu Neymar [pai], por nos atender aqui e, claro, você tem espaço aberto pra poder falar aquilo que você talvez não concorda, aquilo que foi comentado pelo nosso pessoal no estúdio.* (Bate-Bola, 2ª edição – 28/01/2014).

(24) (...) *essas questões que ele levantou para o clube, de repente não vão ficar, né? Esses novos hábitos no Botafogo que certamente ajudaram o Botafogo chegar onde chegou no Campeonato Brasileiro. Talvez ele não conseguiu mexer no que mais afetava ele que era o calendário, né? Isso ele não podia fazer (...).* (Redação SPORTV – 14/01/2014).

(25) (...) *o ano passado aqui [Fortaleza] foi legal. Hoje não foi. Hoje a torcida silenciou, talvez porque no ano passado tava 1x0 o jogo (...), o Brasil fez gol com oito minutos.* (Linha de Passe – 17/06/2014).

Nesses exemplos, o valor dubidativo que o advérbio denota parece “reverberar” por todo o enunciado, tornando a expressão da modalidade por meio do modo verbal uma marca redundante. Esse dado parece corresponder à análise

de Gonçalves (2003, p.63) que caracteriza esse tipo de construção como “extremamente favorável à variação”. Segundo a autora:

O que parece especial no caso das construções com *talvez* é a força excepcional deste marcador na expressão da modalidade epistêmica. A significativa incidência de flutuação em construções que se valem do *talvez* fala em favor da hipótese de que estamos diante de um marcador de modalidade epistêmica forte, que dispensa marcações redundantes, como é o caso do modo subjuntivo.

Além disso, como mencionado na introdução deste capítulo, a modalidade deôntica é tida como cognitivamente mais básica, logo, mais prototípica, do que a modalidade epistêmica. Ao associar-se a um contexto frasal cujas estruturas apresentam forte modalidade epistêmica (portanto menos prototípica), como é o caso do advérbio *talvez*, o subjuntivo torna-se mais “vulnerável” à flutuação.

Outro dado a ser mencionado, e possivelmente relacionado à significativa incidência de casos de flutuação nesses tipos de orações dubitativas, é o da distância entre o referido advérbio e a forma verbal esperada:

(26) (...) *Mas quem sabe talvez, se a defesa civil achar que não tem necessidade de lacrar essa área, aí sim vai ser liberado [Itaquerao] pra começar ali os reparos do acidente que aconteceu.* (Redação SPORTV – 28/11/2013).

(27) (...) *eu tô cada vez mais descrente que teremos o RJ tão diferente assim, como o presidente [do COI] na entrevista chega a imaginar que a olimpíada vai deixar de legado. Talvez tenhamos alguns feriados pra tirar gente da rua ao longo dos Jogos Olímpicos, teremos algumas melhorias de sistemas de transportes direcionadas, talvez, à área da Barra da Tijuca onde terá uma grande concentração do parque olímpico (...).* (Redação SPORTV – 23/01/2014).

É possível que a incidência da flutuação, nesses casos, seja diretamente proporcional à distância entre os termos, isto é, quanto maior a distância entre advérbio e verbo, maiores as chances de flutuação.

Finalmente, vale assinalar que a ocorrência da flutuação, nesse tipo de contexto (em que advérbio e verbo estão a uma certa distância), tende a ser mais aceita entre os falantes, mas essa é uma hipótese a ser confirmada (ou não) em trabalhos posteriores.

4.3 As conjunções

No *corpus* analisado, as conjunções compreendem aqueles casos em que a natureza do fenômeno da flutuação do subjuntivo está relacionado a violação da correlação entre o conectivo que introduz a oração subordinada e a forma verbal nela utilizada.

Segundo Gonçalves (2003, p.54), as orações oblíquas (adverbiais) constituem uma “região em que a categoria do subjuntivo tem uma identidade menos clara” configurando um contexto não-modal que envolve “notadamente as [orações] *temporais*, *causais* e *concessivas*” (*ib.*). Semelhantemente ao estudo de Gonçalves, não houve, no *corpus* aqui analisado, registro da ocorrência de flutuação nas orações oblíquas *causais* e *temporais*.

4.3.1 *Embora*

Entre as conjunções, foram detectados sete casos de flutuação no grupo das *concessivas*, mais especificamente com os conectivos *embora* e *por mais que*³ conforme ilustrado nos seguintes exemplos:

(28) (...) *é, eu acho que o que pode ser ruim é pro estilo Fred, o estilo de tirar proveito do árbitro. Fred tirou proveito do Nishimura. **Por mais que** a FIFA **quis** falar pra todo mundo que aquilo foi pênalti, que o Felipão e o Fred **quiseram dar** uma declaração, nós entendemos um pouco de futebol e arbitragem, né? Não dá pra falar pro mundo que aquilo foi pênalti, né?* (Bate-Bola, 1ª edição – 16/06/2014).

³ A conjunção *por mais que* será analisada na próxima seção, destinada ao grupo das conjunções que contaram com o menor número de ocorrências no *corpus* coletado.

(29) *Infelizmente nós não fomos eficientes na marcação, **embora** tudo **que foi preparado**, tudo **que foi prevenido**, mas às vezes a gente não consegue.* (Redação SPORTV – 02/12/2013).

Nesse grupo das concessivas, há que se mencionar a significativa ocorrência de flutuação com a conjunção *embora* que corresponde a um total de seis, dos sete casos coletados. A seguir, foram reproduzidos alguns deles:

(30) *Eu acompanhei a carreira do Tite de perto aqui em São Paulo, não só no Corinthians como também no Palmeiras; não acompanhei a carreira dele no Grêmio, **embora eu estava** em campo nesse jogo aí do Grêmio contra o Corinthians, mas eu queria dar o depoimento seguinte: eu acompanhei a saída do Tite em 2005 (...).* (Redação SPORTV – 10/12/2013).

(31) (...) *Atlético de Madri contra Barcelona, os dois times já se enfrentaram quatro vezes nessa temporada: quatro empates, apenas quatro gols marcados. Esse quinto jogo, de certa maneira, é uma espécie de decisivo 5º set, **embora** mais um empate **poderia** ser satisfatório.* (Globo Esporte – 08/04/2014).

(32) (...) *e é isso que ele tá fazendo, tentando imaginar um time pra sair pro jogo e outro, com o desenrolar da partida (...). A maneira de jogar, o desenho tático diz muito, **embora**, se o Gabi jogar posicionado pelo lado direito onde joga o Arda Turan, **nós sabemos** que jamais ele vai desempenhar a função do Arda Turan.* (Fora de Jogo – 21/05/2014).

(33) (...) *o Henrique criou muito mais problema pro Felipe, do ponto de vista da opinião pública e da torcida cornetar, do que o Jô. **Embora** sejam dois jogadores que **podem** ser contestados, o Henrique criou muito mais problema pro Felipe porque havia uma alternativa como o Miranda (...).* (Bate-Bola, 4ª edição – 09/06/2014).

Os exemplos apresentados ilustram bem a quebra de expectativa de uso do modo subjuntivo com a concessiva *embora*. Cabe nesse momento, portanto, uma reflexão a respeito dos possíveis fatores envolvidos nesse fenômeno.

As orações apresentadas parecem representar o que Moura Neves (2011, p.881) chama de “construções concessivas factuais” cujos conectivos introduzem uma informação tida como *real*. Esse, provavelmente, é o caso de *embora*.

Sobre a especificidade desse tipo de conjunção, Monteiro (1998, p. 43) assinala que “além da ideia de concessão, as conjunções concessivas também podem estabelecer, nos enunciados em que são inseridas, as ideias de certeza e incerteza (...)” esclarecendo em seguida que, entre outras, a conjunção *embora* é introdutora de orações que denotam fatos considerados *certos*.

É possível que esse fato seja responsável pelo estabelecimento de uma espécie de “conflito” semântico entre a conjunção e o modo verbal por ela “solicitado”, pois como aponta Gonçalves (2003, pp. 48-9):

A vocação semântica básica do subjuntivo como um todo, é a de marcar o ‘não real’, aquilo que não se deixa situar propriamente numa linha temporal, na qual eventos e estados de coisas podem, como no caso dos tempos do indicativo, ser demarcados em função de sua relação com o momento de fala.

A “assimetria” semântica mencionada parece figurar como uma explicação plausível para o significativo número de ocorrências de flutuação entre essas orações. O emprego do modo indicativo em lugar do subjuntivo, de certa maneira, se revelaria mais “coerente” nessas situações uma vez que, à semelhança da concessiva *embora*, o indicativo está mais tipicamente relacionado a fatos tidos como certos ou reais.

4.3.2

Caso, desde que, por mais que, para que

Nesta seção será feita referência àquelas conjunções que apareceram em menor número no *corpus* analisado.

As expressões que integram o presente trabalho foram intencionalmente coletadas quando associadas ao fenômeno da flutuação, desse modo, a pequena

incidência das conjunções mencionadas dificulta a formulação de uma hipótese que justifique o fenômeno nesses casos específicos.

Dito isso, será considerado como dado a pequena incidência desses tipos de construção, mais do que as prováveis causas para a flutuação do modo subjuntivo.

Em um total de onze casos de variação envolvendo as conjunções, *caso* aparece com dois registros, seguida de *desde que*, *por mais que* e *para que* com apenas uma ocorrência cada uma:

(34) (...) *e o cruzeiro tá na frente pra tentar contratá-lo se **caso** esses investidores **pagarem***. (Redação SPORTV – 11/12/2013).

(35) *E vamos explicar qual seria a aplicação fria da lei? **Caso** o amigo ligado no Redação **não está habituado** ainda sobre os problemas que envolvem esta última rodada do Campeonato Brasileiro, a gente resume pra vocês*. (Redação SPORTV – 12/12/2013).

(36) (...) *porque o Neymar tem que tá solto pra recuperar e contra-atacar; isso faz um sentido **desde que**, quando você **recupera** a bola, o time saia pra jogar inteiro e o Oscar não pode ficar refém da lateral direita, né?* (Bate-Bola, 1ª edição – 02/07/2014).

(37) (...) *é, eu acho que o que pode ser ruim é pro estilo Fred, o estilo de tirar proveito do árbitro. Fred tirou proveito do Nishimura. **Por mais que** a FIFA **quis** falar pra todo mundo que aquilo foi pênalti, que o Felipão e o Fred **quiseram dar** uma declaração, nós entendemos um pouco de futebol e arbitragem, né? Não dá pra falar pro mundo que aquilo foi pênalti, né?* (Bate-Bola, 1ª edição – 16/06/2014).

(38) (...) *o que é esse sistema? Aquilo que a gente vem cobrando, que antes dos jogos, que haja uma maneira, tudo conectado pela internet, de os clubes checarem quem tem e quem não tem condição de jogo, ou mesmo que o próprio delegado do jogo possa impedir a escalação, a inscrição na súmula de um jogador que não tenha condição de jogo **pra***

que um erro administrativo, como esse do Flamengo e da Portuguesa, não acarretam em perda de pontos quando o time não teve dolo na questão.

(Redação SPORTV – 18/12/2014).

Uma possível razão para a incidência da flutuação entre as *condicionais*, exemplos (34), (35) e (36), está relacionada ao fato de que essas conjunções apresentariam um valor modal um pouco mais nítido, mas com tendência a expressão da modalidade epistêmica (menos básica, menos prototípica), isto é, ligado à noção de hipótese e consequentemente, “enfraquecendo” o papel do subjuntivo de marcador genérico da *modalidade*.

Em (34), especificamente, vale destacar que a inadequação reside no emprego simultâneo de duas conjunções que expressam *condição* (*se* e *caso*). Nessa situação, o falante opta por fazer a correlação com *se* (*se esses investidores pagarem*) e não com *caso* (*caso esses investidores paguem*). Curiosamente, este exemplo ilustra uma “indecisão”, não no emprego do modo verbal, mas das conjunções: a primeira, *permitindo* o emprego do subjuntivo e a segunda, *obrigando seu uso*.

As outras construções, de uma maneira geral, possivelmente, compreendem casos em que o uso do subjuntivo aparece associado a empregos não modais ou fracamente modais, afastando-se, portanto, de sua manifestação mais exemplar, pois, conforme constata Gonçalves (2003, p.54) “o emprego do subjuntivo tende a associar-se mais sistematicamente à expressão de seu valor semântico-pragmático prototípico, isto é, à marcação genérica da modalidade”.

O fato de o subjuntivo associar-se mais tipicamente à estruturas com valor modal mais nítido configura-se como provável razão para o pequeno índice de flutuação entre as orações adverbiais introduzidas pelas conjunções mencionadas.

5 Considerações finais

O presente trabalho teve por objetivo geral descrever algumas situações de flutuação do modo subjuntivo na modalidade oral do português brasileiro, partindo de um *corpus* formado por enunciados coletados de programas de esporte estilo mesa-redonda da televisão brasileira.

A proposta foi listar e categorizar gramaticalmente aquelas estruturas em presença das quais o subjuntivo *precisa* ser empregado para, em seguida, identificar a incidência de flutuação entre elas.

Com o foco da análise sobre a modalidade oral da língua, fez-se necessária a adoção de uma abordagem linguística que considerasse a língua em uso, ou seja, que não se abstinhasse do aspecto pragmático da interação verbal. Deste modo, optou-se por uma abordagem funcionalista da linguagem – uma vez que esta linha teórica inclui em sua análise da estrutura gramatical toda a situação comunicativa.

Dito isso, as considerações feitas aqui a respeito do fenômeno linguístico estudado devem estar sempre associadas às especificidades do seu contexto interacional semiformal de origem – programas de televisão que integram uma grade de horários e que, portanto, estão submetidos à questão do tempo e da predefinição dos temas abordados. Somam-se a isso questões como a da espontaneidade da fala e a da própria natureza dos assuntos abordados: uma combinação de informação e entretenimento.

Retomando os questionamentos feitos ao longo desta pesquisa, pode-se afirmar que, de fato, o subjuntivo flutua em presença de estruturas que *obrigam* seu uso e que a incidência da flutuação entre essas estruturas é motivada por fatores de natureza diversa, como a expressão mais prototípica da *modalidade* em orações principais, o valor *factual* e/ou avaliativo de certos verbos e adjetivos ou, ainda, particularidades semânticas de algumas conjunções.

Como se demonstrou ao longo deste trabalho, no *corpus* coletado, essas estruturas correspondem a expressões formadas pela conjunção *que* associada a verbos, adjetivos e substantivos; a orações dubitativas introduzidas pelo advérbio *talvez* e a algumas conjunções subordinativas adverbiais.

Acrescentando à análise o pressuposto da abordagem cognitivista de que a *linguagem* seria um reflexo e uma decorrência de nossas estruturas conceituais,

foi possível atribuir às categorias gramaticais *modalidade*, *modo* e *subjuntivo* o *status* da *assimetria* que pressupõe *efeitos de prototipia*. Assim, as categorias gramaticais apresentariam usos mais “básicos”, mais comuns ou mais “exemplares”, quando associados a determinadas estruturas.

As expressões com *que* integram orações subordinadas substantivas e a incidência de flutuação do subjuntivo nesses casos pareceu estar relacionada a três fatores:

- O primeiro, diz respeito ao fato de que, em orações subordinadas, a expressão da modalidade se manifesta mais prototipicamente em orações principais, tornando o subjuntivo uma espécie de marca redundante;
- O segundo, está relacionado a um possível valor *epistêmico* e/ou *factual* dos verbos e adjetivos que formam essas expressões atribuindo-lhes noção avaliativa e de *certeza*, o que levaria o falante a “hesitar” no emprego de um tempo verbal mais associado à ideia de *dúvida*;
- E o terceiro fator diz respeito às expressões com *que* formadas por substantivos, que aparecem em número bem menor. Esse grupo também apresenta o aspecto da factualidade, mas, diferentemente das demais estruturas, parecem não apresentar o mesmo grau de comprometimento ou parcialidade do falante acerca do que diz ou acerca do que refere.

As orações introduzidas pelo advérbio *talvez* também contam com significativos índices de flutuação. Nesses casos, os dados apontam como provável razão para a ocorrência do fenômeno o fato de o referido termo estar fortemente relacionado à expressão das noções de *possibilidade* ou *probabilidade*, atribuindo mais uma vez ao subjuntivo o *status* de “marca redundante”.

Considerando-se a modalidade deôntica como cognitivamente mais básica, o subjuntivo torna-se mais “vulnerável” à flutuação quando associado a um contexto frasal cujas estruturas apresentam forte modalidade epistêmica (portanto menos prototípica), como é o caso do advérbio *talvez*.

Outro dado a ser considerado nesses casos de flutuação é o da distância entre o advérbio mencionado e a forma verbal esperada: os dados parecem falar em favor da hipótese de que quanto maior a distância entre advérbio e verbo, maiores as chances de flutuação.

A análise dos casos de flutuação relativos ao uso da conjunção *embora* mostrou que esse termo, além de denotar a ideia de concessão que lhe é própria, também estabelece uma ideia de *certeza*. O emprego do modo indicativo em lugar do subjuntivo, de certa maneira, se revelaria mais “coerente” nessas situações uma vez que, à semelhança da concessiva *embora*, está mais tipicamente relacionado a fatos tidos como *certos* ou *reais*.

Outras conjunções, também adverbiais, foram identificadas em número bem menor no *corpus* coletado e, de uma maneira geral, esse dado pareceu ter relação com casos em que o uso do subjuntivo ocorreu associado a empregos não modais ou fracamente modais, afastando-se, portanto, de sua manifestação mais exemplar.

Dadas as dificuldades relacionadas ao ensino e à aprendizagem do modo subjuntivo, espera-se que este trabalho possa contribuir, de alguma maneira, para uma caracterização das ocorrências de flutuação no português em situação concreta de uso da língua, dando ao aluno de PL2E mais segurança e autonomia no emprego desse modo verbal.

6

Bibliografia e referências bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. *Muito prazer – fale o português do Brasil*. São Paulo: DISAL, 2008.

GONÇALVES, J. R. *Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do português do Brasil. Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

MARTINS, H. F.; MEDEIROS, V. G. de. “Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo no português do Brasil e seu impacto no ensino de alunos de português como segunda língua”. Manuscrito inédito apresentado no V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Christ Church, Oxford, 1996.

LYONS, J. *Linguagem e linguística – uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MONTEIRO, M. C. G.G. *As conjunções concessivas no português: um estudo sobre suas restrições semânticas e formais de uso*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1998.

MOURA NEVES, M. H. de. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2011.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

RAMALHETE, R. “Uma classificação comunicativa do subjuntivo e sua implicação para o ensino de português para estrangeiros”. In: ALMEIDA, J.C. e LOMBELLO, L. *O ensino de português para estrangeiros*. Campinas: Pontes, 1989, p. 135-139.

RODRIGUES JÚNIOR, A. S. “Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman”. In: *Linguagem e ensino*, Vol. 8, No. 1, 2005, p. 123-148

7 Anexos

7.1 As expressões com *que*

1 - (...) hoje foi bacana: Portuguesa, Fluminense, Flamengo, Vasco, Atlético do Paraná e outros que foram muito bem citados aqui, muito bem falados; mas o futebol brasileiro é isso aí. Essa diversidade de fatos que acontecem numa sequência muito grande. **Pena que são** fatos, como você disse, né, a turma do Aladin não sai do tapete, né? (Redação SPORTV – 11/12/2013)

2 - Aliás, **há uma previsão de que** pelo menos 10.000 atleticanos **estarão** no estádio e a gente mostra como foi um dos voos que levou a massa atleticana ao Marrocos. (Redação SPORTV – 18/12/2013)

3 - **Curioso é que** o grupo que reúne os campeões mundiais- Uruguai, Itália, Inglaterra- não **foi considerado** o grupo mais forte porque eles estão se baseando no ranking da FIFA. (Redação SPORTV – 19/12/2013)

4 - (...) e aí **eu acho muito curioso que** a gente **jogou**, a gente o Brasil, jogou basquete em Londres, nos jogos olímpicos, com um norte-americano naturalizado, ninguém disse que aquilo era um absurdo, todo mundo tá tratando com bons olhos a naturalização dos jogadores do pólo aquático, mas se um brasileiro do futebol prefere defender outra seleção, aí o buraco é mais embaixo. (Redação SPORTV – 09/01/2014)

5- (...) O que eu acho é que ele tem bola pra continuar jogando, **eu acho uma pena que ele vai parar** precocemente, quando ele poderia jogar mais um ano. (Redação SPORTV – 14/01/2014)

6 - À uma da tarde, o Seedorf vai conceder, portanto, entrevista coletiva ao lado do presidente do clube e da agente do jogador, a Débora Martins. **A gente só pode supor que é** para confirmar (...) a saída dele, infelizmente do futebol brasileiro. (Redação SPORTV – 14/01/2014)

7 - (...) os estádios, **ninguém duvida que** eles **estarão** lindos, prontos, como, aliás, estavam na África do Sul, belos estádios. Acontece que muitas das promessas não vão sair do papel (...). (Redação SPORTV – 20/01/2014)

8 - (...) os cálculos, **a projeção** do comitê organizador **é de que** – até 18 de fevereiro, se tiver gramado colocado, cobertura colocada, iluminação colocada, dez mil acentos pelo menos e o vestiário pronto pra uso e tudo mais caminhando na obra - a FIFA **vai dar** o sinal verde pra manter a Arena da Baixada na Copa, afinal de contas não é do interesse, nem da FIFA, ter que tirar a sede a essa altura do campeonato. (Bate-Bola 1ª edição – 22/01/2014)

9 - A temporada 2014, William, a gente começa com jogos sempre..., as transmissões sempre às duas da tarde. **Não importa que o jogo** do sábado **é** às sete da noite, às nove da noite. Duas da tarde é o momento que o futebol ESPN entra no ar com grande material (...). (Bate-Bola, 1ª edição, - 24/01/2014).

10 - Semana passada, eu escrevi que você precisava se manifestar (...), **adorei que você se manifestou**, e eu sei que você veio falar no Bate-Bola pelo absoluto respeito que você tem por nós (...). (Bate-Bola, 2ª edição – 28/01/2014).

11 - (...) **não estava no cronograma** nesse momento **que** dos 52 projetos, 37, ou seja, a grande maioria, ainda **está** no papel, não **começou a ser feito** ainda. (Redação SPORTV – 11/04/2014)

12 - (...) e nesse álbum aqui [de figurinhas da Copa] (...), a Joyce, e todos os amigos que têm o álbum, quando forem ver a seleção da Bósnia, o número 446 aqui vai vir errado, porque **todo mundo esperava que** esse jogador (...) **seria** convocado. Todo mundo que acompanha o futebol bósnio, evidentemente não é o meu caso. (Redação SPORTV – 06/05/2014)

13 - Por essas e outras que **eu discordo que** o Felipão **diz** assim “ah os jogadores não estão nem aí pra isso”. **Não, não é que eles não estão nem aí**. Existe um envolvimento, eles têm a noção do que está acontecendo, mas eu entendo que é nesse momento importante fazer uma blindagem. (Redação SPORTV – 26/05/2014)

14 - **É surpreendente que** os manifestantes **chegaram** tão longe, né? Parece que os manifestantes estão misturados com os jornalistas. Poderia ter sido melhor organizado. (Redação SPORTV – 26/05/2014)

15 - (...) e **é curioso que** justamente no grupo da Alemanha, nessa primeira fase, **houve** a possibilidade de um jogo de compadres também, entre Alemanha e Estados Unidos (...). (Abre o Jogo – 30/06/2014)

16 - (...) **é curioso que**, eu bati muito nessa estatística né, a França sempre que passou da fase de grupos **chegou**, no mínimo, entre as quatro primeiras e vai tentar confirmar isso agora (...) (Bate-Bola, 1ª edição – 02/07/2014).

7.2

O advérbio *talvez*

18 - (...) Mas quem sabe **talvez**, se a defesa civil achar que não tem necessidade de lacrar essa área, aí sim **vai ser** liberado pra começar ali os reparos do acidente que aconteceu. (Redação SPORTV – 28/11/2014)

19 - (...) tem também a tradição de jogar no Arruda, no Arruda cabem 60.000, na Arena, [Pernambuco] só 40.000 pessoas, mas por isso o público menor nesse fim de semana. E os ingressos também, R\$ 25 e R\$ 50, **talvez** o torcedor **estranhou** o preço do ingresso do Santa [Cruz] que tem a torcida mais popular do Brasil. (Redação SPORV – 02/12/2013).

20 - Segundo o Ivan, na verdade, em 1914, o Brasil jogou com braçadeiras verde-amarelas naquele jogo. Como a foto era preto e branco, **talvez**, quem **fez** a pesquisa pra estabelecer esse uniforme de 2004, não soube que na verdade a braçadeira era verde e amarela (...). (Redação SPORTV – 18/12/2013).

21 - Olha, essa **talvez é** a pergunta mais difícil eu acho de responder, porque eu acho que não é comparável (...) (Redação SPORTV – 06/01/14).

22 - Pô, legal, assistência, os gols e tudo, mas essa forma física **talvez deixa** sempre esse ponto de interrogação em relação ao Walter. (Bate-Bola, 1ª edição – 08/01/2014).

23 - (...) quem conviveu com ele diz que realmente era extremamente profissional, um exemplo. (...) essas questões que ele levantou para o clube, de repente não vão ficar, né? Esses novos hábitos no Botafogo que certamente ajudaram o Botafogo chegar onde chegou no Campeonato Brasileiro. **Talvez** ele não **conseguiu** mexer no que mais afetava ele que era o calendário, né? Isso ele não podia fazer (...). (Redação SPORTV – 14/01/2014).

24 - (...) o Pelé justamente homenageado (...). O Pelé nunca pôde ganhar porque (...) só se premiava os jogadores que atuavam na Europa. Sem dúvida, ele **seria eleito** o melhor do mundo em 58, **talvez** em 61, **talvez** em 62 até, muito provavelmente em 69 e 70. (Redação SPORTV – 14/01/2014).

25 - (...) tem tanto dinheiro que se gasta com inutilidade, mesmo programas esportivos, dinheiro público; **talvez** não sei se **era** o mais importante (...). (Redação SPORTV – 16/01/2014).

26 - (...) eu tô cada vez mais descrente que teremos o RJ tão diferente assim, como o presidente [do COI] na entrevista chega a imaginar que a olimpíada vai deixar de legado. **Talvez** tenhamos alguns feriados pra tirar gente da rua ao longo dos Jogos Olímpicos, **teremos** algumas melhorias de sistemas de transportes direcionadas, talvez, à área da Barra da Tijuca onde terá uma grande concentração do parque olímpico (...). (Redação SPORTV – 23/01/2014).

27 - Obrigado, seu Neymar [pai], por nos atender aqui e, claro, você tem espaço aberto pra poder falar aquilo que você **talvez** não **concorda**, aquilo que foi comentado pelo nosso pessoal no estúdio. (Bate-Bola, 2ª edição – 28/01/2014).

28 - (...) se o Ituano tivesse perdido domingo, não teria se dado essa matéria. Se fosse Palmeiras e Santos, a final, **talvez** a matéria não **seria feita** dessa forma. Então essa foi a nossa reclamação, apenas isso. (Redação SPORTV – 10/04/2014).

29 - (...) depois do resultado de ontem contra o Internacional, os cruzeirenses estão mais confiantes e **talvez** não **acreditam** muito nessa história de um nível de campeonato mais baixo, embora eu particularmente concorde que o nível do Campeonato Brasileiro, o nível técnico da competição, pelo menos nesse início, não tá muito alto, não. (Redação SPORTV – 26/05/2014).

30 - (...) o ano passado aqui [Fortaleza] foi legal. Hoje não foi. Hoje a torcida silenciou, **talvez** porque no ano passado **tava** 1x0 o jogo (...), o Brasil fez gol com oito minutos. (Linha de Passe – 17/06/2014).

31 - (...) a torcida brasileira, se a gente tiver mais uma atuação fraca do Fred, **talvez vai** se pegar muito mais nessa possibilidade da seleção brasileira atuando sem o centro avante, porque o Fred foi muito mal nesse jogo (...). (Linha de Passe – 17/06/2014).

7.3

A conjunção *Embora*

32 - Infelizmente nós não fomos eficientes na marcação, **embora** tudo **que foi preparado**, tudo **que foi prevenido**, mas às vezes a gente não consegue. (Redação SPORTV – 02/12/2013)

33 - Eu acompanhei a carreira do Tite de perto aqui em São Paulo, não só no Corinthians como também no Palmeiras; não acompanhei a carreira dele no Grêmio, **embora eu estava** em campo nesse jogo aí do Grêmio contra o Corinthians, mas eu queria dar o depoimento seguinte: eu acompanhei a saída do Tite em 2005 (...). (Redação SPORTV – 10/12/2013)

34 - (...) Num primeiro momento, Virgílio Elísio, que é o diretor das competições da entidade [CBF], divulgou que houve um cruzamento de dados na CBF que, por causa dele, a entidade foi a primeira a perceber que o Héverton e o André Santos haviam sido escalados, **muito embora** a própria imprensa e boa parte dos portais **já publicavam**, na sexta-feira, que André Santos estava suspenso e não poderia enfrentar sábado o Cruzeiro na última rodada do Campeonato Brasileiro. (Redação SPORTV – 13/01/2014)

35 - (...) Atlético de Madri contra Barcelona, os dois times já se enfrentaram quatro vezes nessa temporada: quatro empates, apenas quatro gols marcados. Esse quinto jogo, de certa maneira, é uma espécie de decisivo 5º set, **embora** mais um empate **poderia** ser satisfatório. (Globo Esporte – 08/04/2014)

36 - (...) e é isso que ele tá fazendo, tentando imaginar um time pra sair pro jogo e outro, com o desenrolar da partida (...). A maneira de jogar, o desenho tático diz muito, **embora**, se o Gabi jogar posicionado pelo lado direito onde joga o Arda Turan, **nós sabemos** que jamais ele vai desempenhar a função do Arda Turan. (Fora de Jogo – 21/05/2014)

37 - (...) o Henrique criou muito mais problema pro Felipão, do ponto de vista da opinião pública e da torcida cornetar, do que o Jô. **Embora** sejam dois jogadores que **podem** ser contestados, o Henrique criou muito mais problema pro Felipão porque havia uma alternativa como o Miranda (...). (Bate-Bola, 4ª edição – 09/06/2014)

7.4

Os conectivos *caso, desde que, por mais que, para que*

38 - (...) e o cruzeiro tá na frente pra tentar contratá-lo **se caso** esses investidores **pagarem**. (Redação SPORTV – 11/12/2013).

39 - E vamos explicar qual seria a aplicação fria da lei? **Caso** o amigo ligado no Redação **não está habituado** ainda sobre os problemas que envolvem esta última rodada do Campeonato Brasileiro, a gente resume pra vocês. (Redação SPORTV – 12/12/2013).

40 - (...) porque o Neymar tem que tá solto pra recuperar e contra-atacar; isso faz um sentido **desde que**, quando você **recupera** a bola, o time saia pra jogar inteiro e o Oscar não pode ficar refém da lateral direita, né? (Bate-Bola, 1ª edição – 02/07/2014).

41 - (...) é, eu acho que o que pode ser ruim é pro estilo Fred, o estilo de tirar proveito do árbitro. Fred tirou proveito do Nishimura. **Por mais que** a FIFA **quis** falar pra todo mundo que aquilo foi pênalti, que o Felipão e o Fred **quiseram dar** uma declaração, nós entendemos um pouco de futebol e arbitragem, né? Não dá pra falar pro mundo que aquilo foi pênalti, né? (Bate-Bola, 1ª edição – 16/06/2014).

42 - (...) o que é esse sistema? Aquilo que a gente vem cobrando, que antes dos jogos, que haja uma maneira, tudo conectado pela internet, de os clubes checarem quem tem e quem não tem condição de jogo, ou mesmo que o próprio delegado do jogo possa impedir a escalação, a inscrição na súmula de um jogador que não tenha condição de jogo **pra que** um erro administrativo, como esse do Flamengo e da Portuguesa, **não acarretam** em perda de pontos quando o time não teve dolo na questão. (Redação SPORTV – 18/12/2013).